

## ***Táticas de poder empregadas por personagens femininas em A Canção dos Nibelungos e A Saga Volsungos***

Profa. Ms. Valéria Sabrina Pereira

Mestre em Literatura Alemã pela USP  
[valeria\\_sabrina@yahoo.com.br](mailto:valeria_sabrina@yahoo.com.br)

### **Resumo**

*A Canção dos Nibelungos e A Saga dos Volsungos* são dois dos mais importantes livros do ciclo de narrativas sobre o herói Siegfried (Sigurd), eles foram escritos na região correspondente à Áustria no final do século XII e na Islândia do século XIII respectivamente, tendo por base a matéria épica que é tradicional da migração dos povos germânicos. Essas regiões não apenas apresentam diferenças culturais, como produzem gêneros literários distintos, o que se reflete na representação das personagens dessas obras. Deve-se notar que *A Saga dos Volsungos* é uma saga arcaica (*fornaldarsaga*) e representa uma realidade anterior à colonização da Islândia, razão pela qual ainda apresenta muitos elementos da religiosidade nórdica pré-cristã, enquanto que *A Canção dos Nibelungos* é uma epopéia cortesã que foi escrita em uma sociedade cristã que rejeita o paganismo, de modo que não apenas a narrativa é adaptada aos modos cortesões, como aquilo que remete ao paganismo ou ao universo lendário é eliminado de forma sistemática, o que acaba por ser refletido nas personagens dessas obras e em seus destinos. As táticas empregadas pelas principais personagens femininas para exercer o poder serão observadas nesse trabalho, de forma a permitir que algumas das diferenças, ou semelhanças, na representação da mulher em cada uma dessas sociedades sejam visualizadas.

Palavras chave: Ciclo de narrativas sobre Siegfried, Gênero, Poder

### **Abstract**

*The Nibelungenlied and Volsunga Saga* are two of the most important books of the circle of narratives about the hero Siegfried (Sigurd). They were written in the regions that correspond, respectively, to Austria in the end of the 12<sup>th</sup> century and Iceland in the 13<sup>th</sup> century, and they were based on traditional stories of the Germanic Migration Period. Not only have these regions several cultural differences, but they also produced distinct literary genres, which reflect on the representation of the characters in these narratives. It is important to point out that the *Volsunga Saga* is a legendary saga (*fornaldarsaga*) and represents a reality that has taken place before the colonization of Iceland. Therefore, many aspects of the Pre-Christian Nordic religion are still present in this saga, whereas *The Nibelungenlied* is a courtly epic, which was written in a Christian society that rejects the paganism. In this sense, not only is this narrative adjusted to courtly values, but also the elements that refer to paganism or to the legendary universe have systematically been taken out. Consequently, the nature of such narratives is mirrored on the characters of these works and their destinies. The tactics employed by women to exercise power will be observed in this paper, in a way that will allow one to visualize some of the differences, or similarities, in the representation of feminine characters in each one of those societies.

Keywords: Circle of narratives about Siegfried, Gender, Power

Durante a Idade Média, o poder costuma ser exercido especialmente, mas não unicamente, por homens, muitas vezes as mulheres podem ser vistas dando ordens e atuando dentro das esferas do poder, estas esferas podem ser tipicamente femininas, como a maternidade, ou tipicamente masculinas, como é o caso da esfera bélica, nesses casos as mulheres acabam por ter de empregar diferentes táticas para alcançar o que desejam e utilizam artimanhas para que possam ultrapassar a barreira imposta pela questão do gênero. Por meio da leitura de duas obras produzidas no século XII e XIII, as quais apresentam as mesmas personagens, assim como um fundo narrativo semelhante, compararemos quais os artificios utilizados em duas diferentes culturas, a germânica continental e a escandinava respectivamente.

Mas, antes de iniciar a comparação entre as obras, gostaria de apresentar um breve resumo das obras.

## I. A Canção dos Nibelungos

Siegfried, o mais bravo dos heróis, aquele que havia matado a dragão e tomado o magnífico tesouro dos nibelungos para si, ouve falar da jovem Kriemhild, se apaixona e vai até seu reino para pedir sua mão. Ao contrário do que seria esperado, ele não revela suas reais intenções, mas desafia os irmãos dela, dizendo que lhes tomará o reino. Como eles temem a fama do cavaleiro, resolvem oferecer uma estadia amigável em vez de aceitar as ameaças. Com o tempo, e após auxiliar a família em uma guerra, o cavaleiro comprova seu valor, e o rei Gunther, irmão de Kriemhild, juntamente a Hagen, seu vassalo, faz uma proposta a Siegfried: ele poderá ter a mão de Kriemhild, se ajudá-lo a conquistar a terrível Brünhild, uma mulher de força descomunal, rainha de Isenstein, que desafia os homens oferecendo a sua mão àquele que ganhar, e mata todo aquele que perder.

Quando Gunther chega, Siegfried acha melhor mentir e afirmar que é apenas um vassalo de Gunther, de forma que não desconfiem de seu disfarce, ou da ajuda que ele oferecerá com o uso de sua capa invisibilizadora. Após terem vencido Brünhild, Gunther leva-a para as suas terras e um casamento duplo é realizado, entre Gunther e Brünhild e Siegfried e Kriemhild. Entretanto, Brünhild se recusa a consumir o casamento com o marido e o pendura nu na parede até pouco antes do raiar do sol. Mais uma vez, Siegfried deve se disfarçar e vencer a terrível rainha para que Gunther possa tirar a virgindade da dama, situação na qual ela perde todos os poderes que tinha antes.

Anos mais tarde, os casais se encontram mais uma vez nas terras de Gunther, e Brünhild afirma a Kriemhild que ela está em uma posição inferior, pois é mulher de um vassalo. A esposa de Siegfried não aceita essa acusação e revela o segredo da noite de núpcias de Brünhild, chamando-a de concubina de Siegfried, o que causa sua humilhação pública. Agora que a rainha não tem mais seus poderes, deve clamar ao marido para que ele execute a vingança.

Hagen, o vassalo de Gunther, considera a humilhação de Brünhild terrível e julga que esta deve ser vingada, e, para tal, ele inventa um ataque à terra dos burgúndios e convence Kriemhild de que poderia proteger Siegfried, assim ela lhe revela em que lugar seu marido pode ser ferido fatalmente (todo o seu corpo era duro como um casco).

Siegfried é morto por Hagen em uma emboscada, quando ele está sem armas, indo beber água em um rio. Não tendo boas possibilidades de se vingar, Kriemhild passa 13 anos reclusa até o dia que o poderoso Etzel envia Rüdiger para pedir a sua mão em casamento, Kriemhild hesita, mas assim que vislumbra a possibilidade de usar o poder adquirido com a tão desejada vingança, ela aceita.

A rainha dá a luz ao único filho de Etzel e, já tendo cumprido a sua principal função como esposa, pede que ele convide toda a sua família para as festividades de solstício. Em um primeiro momento, a rainha ordena que seus homens ataquem Hagen e os cavaleiros que o acompanham durante a noite, mas seus homens são covardes e não cumprem suas ordens.

Não conseguindo atingir seu objetivo sozinha, Kriemhild deve recorrer à ajuda do marido, para tal ela deixa seu filho pequeno exposto aos inimigos, propiciando o assassinato dele por Hagen. Assim, a guerra se instala no reino. Quando apenas Hagen e Gunther, os culpados pela morte de seu marido, restam vivos e, finalmente, são capturados, ela manda decapitar o seu irmão, Gunther, e depois mata Hagen, que se encontrava amarrado, com as suas próprias mãos. Isso é uma grande vergonha para toda a cavalaria, uma infração tão grave que Kriemhild acaba morta e esquartejada para pagar por um ato tão grave.

## II. A Saga dos Volsungos

Sigurd, filho dos nobres Hjordi e Sigmund, é entregue ao rei Hjalprek, do qual ele se torna um criado livre. Ao tornar-se um jovem, ele mata o dragão Fafnir e toma dele seu tesouro. Em suas andanças, encontra uma valquíria, Brynhild, a qual acorda quando ele rompe sua armadura. Ela havia caído em um sono profundo como parte de uma maldição lançada por Odin, já que ela havia dado a vitória ao adversário do mesmo. A partir deste dia, ela também estava marcada para nunca mais ganhar uma batalha e casar-se. Brynhild lhe ensina sobre as runas e dá conselhos. Antes de partir, Sigurd e Brynhild trocam juras de amor. Mais adiante, Sigurd hospeda-se no reinado de Heimir, pai de criação de Brynhild, lá a encontra novamente, e, mais uma vez, eles trocam juras de amor.

Gudrun, filha dos reis Gjuki e Grimhild, tem maus sonhos e decide ir até Brynhild para que ela lhe revele o significado destes. Ela lhe relata um sonho, o qual Brynhild interpreta desvendando o destino que elas têm em comum. Sigurd chega às terras do rei Gjuki. Grimhild logo nota o valor de Sigurd e deseja que ele se torne parte da família. Grimhild entrega para ele uma poção mágica que faz com que ele a esqueça e, em seguida, convence o rei Gjuki a oferecer a mão de Gudrun para Sigurd, que a aceita.

Grimhild sugere que Gunnar deveria se casar com Brynhild, porém apenas aquele que atravessasse o fogo flamejante que circundava seu salão poderia tomar sua mão. Gunnar tenta executar a prova, mas o cavalo não se aventura. Sigurd e Gunnar trocam de aparência, e o primeiro executa a tarefa. Sigurd passa três noites com Brynhild e deita uma espada entre eles para que não houvesse contato algum entre os corpos. Brynhild deixa sua filha que teve de Sigurd, Aslaug, com Heimir, devido ao seu casamento com Gunnar. Durante as festividades do casamento entre Gunnar e Brynhild, Sigurd recobra a memória dos votos trocados entre eles.

Brynhild e Gudrun vão banhar-se no Reno. Brynhild distancia-se de Gudrun, pois, sendo uma mulher superior, ela não deseja banhar-se nas mesmas águas. Elas discutem sobre o valor de seus homens, e Gudrun revela a verdade sobre quem realmente atravessou o fogo flamejante. Brynhild entra em uma depressão profunda e ameaça abandonar o marido, assim como afirma que ele sofrerá grandes perdas em poder e riquezas, caso ele não mate Sigurd e seu filho. Apesar de Högni ser contra, eles levam a vingança adiante e convencem o irmão mais novo, Guttorm, a matar Sigurd em

seu leito. Antes de morrer, Sigurd arremessa uma espada contra Guttorm e ele cai morto. Brynhild pede para ser queimada na pira funerária junto a Sigurd e se mata.

Gudrun foge de casa e passa dois anos e meio nas terras do rei Half. Ao descobrir onde Gudrun está, Grimhild e seus filhos vão até ela. Eles oferecem ouro e o casamento com Atli como compensação pela morte de Sigurd e seu filho. Gudrun não aceita o casamento, pois vê nele a desgraça de seus irmãos, mas Grimhild a obriga. Atli convida os irmãos de Gudrun para virem às suas terras. Gudrun, sabendo que é uma emboscada, manda-lhes um anel envolto em pêlos de lobo e uma mensagem escrita. Porém tal mensagem é interceptada e modificada, de forma que seus irmãos não compreendem o recado e aceitam o convite.

Quando Gunnar e Högni chegam ao reinado de Atli, ele exige que entreguem o tesouro que seria de Gudrun por direito, mas os irmãos da rainha se recusam e a batalha se inicia. Atli os captura e pede mais uma vez a Gunnar que diga onde está o tesouro e ele diz que preferiria ver o coração de Högni sangrando. Atli manda cortar o coração de Högni, que ri enquanto sofre a tortura. Gunnar afirma que agora é o único a saber onde o ouro se encontra que prefere que o rio Reno o tenha. Atli manda jogar Gunnar para as serpentes. Gudrun lhe entrega uma harpa, e ele morre amarrado, tocando o instrumento com os dedos do pé.

O filho de Högni, Niflung, deseja vingança e pede o auxílio de Gudrun. Juntos eles planejam a morte de Atli. Gudrun mata os dois filhos que teve de Atli e prepara um banquete para ele, no qual os crânios dos meninos servem como taças e seus corações são servidos para o pai. Atli sente falta de seus filhos, e Gudrun conta a verdade sobre o banquete. Enquanto o rei dorme, ela o mata com um golpe de espada e depois incendeia o salão, matando todos os seus homens.

Gudrun carrega pedras para o mar e tenta se matar, mas as ondas carregam-na para o forte do rei Jonakr, o qual se casa com ela. Juntos eles têm três filhos, Hamdir, Sorli e Erp. Com eles é criada Svanhild, a filha de Gudrun e Sigurd. O poderoso rei Jörmunrek manda o conselheiro Bikki e seu filho Randver pedirem a mão de Svanhild. Durante a viagem, o jovem se envolve com Svanhild. Bikki relata o ocorrido ao rei Jörmunrek, e o rei manda matar tanto seu filho quanto Svanhild. Gudrun deseja vingança pela morte de sua filha e manda seus outros filhos matarem Jörmunrek. Entretanto, eles não conseguem matar o rei, apenas feri-lo e perdem a vida na empreitada.

### III. Táticas para o exercício do poder em *A Canção dos Nibelungos*

#### 3.1 Maternidade

Embora não passe de uma faculdade, ou melhor dizendo, uma obrigação feminina, a maternidade também pode se tornar uma importante fonte de poder, como fica destacado em ambos os relatos sobre o nascimento dos filhos de Kriemhild. Após dez anos casada com Siegfried, Kriemhild finalmente dá a luz ao primeiro filho, um menino, fato que ocorre concomitantemente com a morte de Sieglind, mãe de seu marido, de forma que Kriemhild finalmente pode se tornar rainha. Embora o pai de Siegfried ainda esteja vivo, Siegfried recebeu o trono deste assim que se casou, pois o casamento foi o suficiente para marcar sua maturidade e comprovar que ele era um homem capaz, enquanto que Kriemhild ainda deve dar a luz a um filho (homem) para comprovar o seu valor, o que não é reconhecido em um tipo de ritual familiar, mas por

uma espécie de justiça divina que faz com que a mãe de Siegfried morra no momento do nascimento do seu neto, dando espaço a essa nova matriarca.

A relação da maternidade com o poder é ainda mais evidente no casamento com Etzel, um poderoso rei, viúvo de sua primeira esposa e que não tem herdeiros. Kriemhild é a mulher que oferece um herdeiro àquele reinado e é prezada por isso desde o princípio, o nascimento do pequeno Ortlieb é o único em toda a narrativa que vem marcado pela alegria do pai e de todo o reino, pois Etzel já tinha uma idade avançada e era importante que essa criança viesse logo. Embora Kriemhild já tenha ganhado muito em bens e homens ao se casar com o pagão Etzel, ela parece se tornar mais confiante nesse momento para fazer pedidos ao seu marido, pois é apenas após dar a luz que ela pede que o seu marido traga os burgúndios às suas terras, como se nesse momento ele não pudesse mais lhe negar nada, agora que o seu papel como esposa estava cumprido, Kriemhild poderia passar a usufruir de seu poder.

Kriemhild, no entanto, não é o que pode se chamar de uma representação pura da figura materna, pois, mesmo sendo mãe de dois filhos, ela não demonstra preocupação alguma com eles, o primeiro filho é abandonado na ocasião da morte do marido e o segundo morre devido a uma situação propiciada pela própria mãe. Ute, a única representante da figura pura da matriarca, é uma personagem apagada. Embora seja descrita como uma mulher poderosa (7. 1), esse poder refere-se apenas às suas posses, e não ao seu poder de ação, pois toda e qualquer decisão é tomada pelos seus filhos. É verdade que a maternidade tem, em determinados momentos, uma relação direta com o poder feminino, mas isso se deve ao fato de esta ser uma das mais importantes funções exercidas pela mulher nessa sociedade. É apenas ao efetuar aquela que seria sua tarefa dentro dos laços matrimoniais que Kriemhild prova seu valor e adquire mais poder. Mas isso não é o ideal, Ute, a matriarca, deixa que seus filhos ajam, e a sua opinião sobre os eventos quase não é mencionada.

### 3.2 Perda ou aquisição de poder através do casamento

Ao contrário do que seria esperado, o matrimônio costuma eximir as mulheres de *A Canção dos Nibelungos* do poder ou de posses que elas possuíam anteriormente. Fato que ocorre com as duas personagens principais, Brünhild e Kriemhild, mas por razões diferentes. Ao deixar o seu país, Brünhild não pode levar mais do que 20 baús com os seus bens, o que é um número ínfimo em uma epopéia de descrições tão grandiosas, assim como perde o poder sobre Isenstein, à qual ela nunca mais retornará. Isenstein é deixada pra trás, não é somada ao reino dos burgúndios como seria de se esperar, o que não ocorre porque haja pouco interesse em mais um reinado, mas como uma forma de destituir Brünhild de seus poder subversivo, como se tudo o que viesse de um país com tamanhos desvios no que diz respeito às regras de gênero devesse ser ignorado e esquecido.

Após casar-se com Siegfried, Kriemhild deveria tomar parte na partilha das terras com os seus irmãos antes de partir para Xanten, mas Siegfried não permite que isso aconteça, afirmando que tem posses suficientes, é como se uma mulher não devesse ter posse sobre bens que venham de antes do casamento, pois estes poderiam aumentar a sua soberba. Paradoxalmente, a atitude de Siegfried e Gunther só vem a enfatizar a grandeza de seus próprios bens, assim como o poder que essas mulheres irão adquirir em um casamento com eles.

A aquisição de poder através do casamento fica muito mais evidente na temida união entre Kriemhild e Etzel, pois concede poder ilimitado à viúva que volta a ser uma

rainha soberana. O hábito de desprezar os bens da futura esposa é recorrente em *A Canção dos Nibelungos*, tanto que, mesmo o tesouro dos nibelungos sendo o maior tesouro existente, Rüdiger não vê razões para que Kriemhild se entristeça, chegando a afirmar: “*Poderosa rainha, por que chorais pelo ouro? O rei Etzel gosta de vós de tal maneira que quando vos vir dar-vos-á tanto que jamais conseguireis gastar tudo. Senhora, isso eu vos prometo.*”<sup>1</sup> (1275).

Os homens sempre se mostram superiores a suas esposas, tentando comprovar que não há a necessidade de suas mulheres disporem dos bens da família, como ocorre com Kriemhild que não toma parte na divisão de terras com os seus irmãos. Daí a revolta de Brünhild com o casamento de tão nobre mulher com um vassalo, como ela imaginava que Siegfried deveria ser, ao unir-se a um homem que não era livre, Kriemhild estaria descendo na escala social, efetuando o movimento inverso ao esperado em uma narrativa cortês. É essa idéia de ascensão através do poder do marido, assim como a necessidade que Kriemhild tem de ostentação, que faz com que as rainhas tenham a desavença que trará a desgraça para todos.

### 3.3 “Senna”<sup>2</sup>

A discussão entre as rainhas é iniciada quando Kriemhild comenta a grandeza de seu marido durante os torneios: “*O meu marido poderia ter todos esses reinos sob o seu comando.*” (815, 3s.) Entre os homens presentes nesse torneio está Gunther, o marido de Brünhild que não pode aceitar complacentemente tal comparação com seu marido. A discussão não se inicia devido à necessidade que cada uma delas teria de se mostrar superior à outra. Kriemhild, desprevenida, faz um elogio a Siegfried, pois está impressionada com as suas habilidades no torneio, mas Brünhild não pode aceitar esse tipo de comentário, pois ele não apenas denigre a imagem de seu marido, uma vez que Siegfried seria seu vassalo, mas também a lembrava do fato de que este há muito não lhe prestava serviços. Como é afirmado por Jan-Dirk Müller, a *Senna* ocorre, pois as rainhas falam “línguas diferentes”, enquanto Kriemhild que não sabe sobre a trama que ocorreu em Isenstein faz elogios ao seu marido, Brünhild entende as suas palavras como um ataque pessoal e “relembra” Kriemhild de que seu marido não passa de um vassalo (cf. Müller 2002: 78). A fúria de Brünhild é justificada, mas Kriemhild nada sabe sobre todo o acordo que foi fechado entre o seu irmão e Siegfried antes de seu casamento, de forma que, para ela, a palavra de Brünhild falta com a verdade. Ao ouvir as “acusações” de Brünhild, Kriemhild deve se defender, pois estava sendo rebaixada a uma posição à qual não pertencia, e revida afirmando e ainda naquele dia seguiria em frente ao séquito de Brünhild ao entrar na catedral. Ela não se irrita apenas por ser rebaixada à posição de esposa de um vassalo, mas mais do que isso, ela tem a necessidade de provar que Siegfried é superior a Gunther, o que equivaleria à superioridade de Kriemhild sobre Brünhild, de forma que ela deseja conduzir o séquito de Brünhild em Worms. É nesse momento que o desentendimento entre as duas rainhas torna-se uma luta por poder. É a disposição de Kriemhild em levar esse desentendimento às últimas conseqüências que torna a discussão entre as rainhas em um problema sem medidas, pois passa a ser um acontecimento público quando ela faz a revelação sobre as núpcias de Brünhild diante da catedral. Brünhild encontra-se humilhada diante de todo o seu séquito, e Kriemhild havia apresentado provas do ocorrido. O leitor sabe que o ato carnal não foi consumado, mas em nenhum momento é relatado até que ponto Brünhild e Kriemhild pecam pelo orgulho, pois este “*costuma contaminar o sexo feminino: uma mulher impelida pelo*

*impulso do orgulho não consegue segurar a língua nem as mãos, precisa proferir imprecações e cometer crimes”* (Capelão 2000: 297).

Aparentemente, as mulheres são culpadas por toda a desgraça que está por ocorrer, mas Kriemhild apenas pode revelar o segredo devido a Siegfried ter lhe contado a história, o que é feito com orgulho, pois ele presenteia a esposa com objetos que poderiam ser considerados como troféus. Não é Kriemhild quem tem a língua solta, mas sim o seu marido, como é retratado em *A Saga dos Volsungos*.

### 3.4 Bens materiais e o tesouro dos nibelungos

Os bens materiais possuídos por Kriemhild e Brünhild costumam ser descritos no esplendor de suas vestes e adornos, mas estes têm uma importância maior quando distribuídos, pois aquele que os recebe passa a dever serviços a quem o agraciou com o ouro ou as jóias. Após casar-se com Siegfried, Kriemhild é descrita como a rainha mais poderosa que há. Todo esse poder não se torna uma fonte de preocupação logo que o seu marido morre, pois ela decide permanecer em Worms, e distante de seu reino ela não tem tanto poder. No entanto, Hagen convence os irmãos da rainha a fazê-la trazer o tesouro dos nibelungos para consolá-la. Mas, uma vez que ela começa a presentear seus bens e angariar homens, seu poder passa a causar inquietação no assassino de Siegfried. Enquanto Kriemhild permanece em Worms, seus irmãos defendem o direito dela de manter o tesouro. Já quando ela aceitar casar-se com Etzel, os familiares dela aceitam, mesmo que reticentes, que Hagen tome o tesouro de Kriemhild. Giselher é contra a atitude de Hagen, mas não interfere: “*Então o senhor Giselher disse: ‘Hagen causou muito sofrimento a minha irmã; eu deveria impedi-lo. Se ele não fosse parente meu, isso lhe custaria a vida.’ Mais uma vez a mulher de Siegfried pôs-se a chorar.*” (1133) Giselher reconhece que Hagen não tem o direito de agir dessa forma, mas não faz nada contra, suas palavras sequer servem de consolo à Kriemhild. A rainha encontra-se totalmente indefesa, pois não tem marido e sequer pode contar com o apoio dos próprios familiares.

Embora a expropriação dos bens não seja ocasionada pela vontade do futuro marido, como ocorre no casamento de Brünhild e no primeiro matrimônio de Kriemhild, e embora ela não seja bem aceita por nenhuma das outras personagens, a perda do tesouro dos nibelungos não deixa de ser uma repetição do ocorrido em outras uniões, nas quais a mulher perde os bens que tinha antes do casamento para que dependa apenas dos bens do marido. Dessa forma, o poder e a soberba da mulher são limitados e vigiados, pois ela não tem direito a nada que possa ser considerado *dela*. Hagen é aquele que priva Kriemhild de seus bens antes de uma nova união. Na primeira parte de *A Canção dos Nibelungos*, as mulheres não reagem bem a essas privações, mas acabam por aceitá-las, pois são limitações impostas por seus maridos. Kriemhild, no entanto, não pode aceitar que Hagen assuma esse papel, pois ele não apenas é aquele que matou Siegfried, mas ele também ocupa uma posição inferior à dela, e não deve impor condições ou limitações à rainha. Essa é a grande injustiça, ser privada por uma pessoa de posição inferior, e não pelo próprio marido. Note-se que Hagen é o culpado pelas maiores privações sofridas por Kriemhild – a morte do seu marido e o desaparecimento do tesouro dos nibelungos –, além de ter uma atitude constantemente desafiadora diante das ordens da rainha.

Mesmo desprovida do ouro dos nibelungos, Kriemhild ainda tem recursos para presentear aqueles que encontra durante a viagem à terra dos hunos e causa uma boa impressão, angariando ainda mais poder:

Rüdiger ofereceu-lhe a sua amigável hospitalidade. A rainha deu doze braceletes de ouro vermelho para a filha de Gotelind e também o melhor vestido que havia trazido às terras de Etzel. Apesar de terem tirado dela o ouro dos nibelungos, Kriemhild ainda tornava todos que encontrava afeiçoados a ela com os poucos bens que ainda possuía. Os serviços do anfitrião foram bem recompensados. [...] Através de presentes, ela se fez conhecer entre aqueles que nunca havia visto. Muitos disseram aos hóspedes: “Nós acreditávamos que a senhora Kriemhild não tinha mais bens. Agora ela se encontra aqui e faz milagres com os seus presentes” (1322 – 1323; 1366)

Boa parte do poder de Kriemhild é conquistada através dos presentes que ela dá. As cenas nas quais a rainha distribui os seus bens são recorrentes, mas esse não é um método de obtenção de poder tipicamente feminino, Dietrich – que é descrito em conflito com a rainha em diferentes momentos, pois se opõe ao seu desejo de vingança – também é descrito em sua generosidade: “*Não importava o quanto se pudesse ser generoso, isso não era nada perto da generosidade de Dietrich.*” (1372, 1-2). Essa declaração sobre Dietrich indica a superioridade de seu caráter sobre Kriemhild que é generosa, mas tem terríveis intenções por trás de seus atos.

### 3.5 Manipulação sentimental e de relações afetivas

A mulher é impossibilitada de diferentes maneiras de exercer o poder público, ela não apenas é privada do seu próprio patrimônio, mas também tem o seu poder limitado pelo marido. Tanto Brünhild como Kriemhild são retratadas exercendo poder, mas com limitações. Brünhild tem pleno poder sobre Isenstein, mas deve abandonar seu reino ao se casar, e Kriemhild passa a ter muitos homens sob seu poder ao casar-se com Etzel, mas no momento do ataque eles demonstram ser covardes, ao contrário dos homens de seu marido. Kriemhild ordena que seus homens ataquem Hagen, mas o faz sem que seu marido tome consciência do ocorrido, e mesmo tendo tantos homens, eles não são suficientes para que ela atinja os seus propósitos (1766 – 1770), de forma que a guerra deve ser declarada com o apoio de Etzel.

O exercício do poder pertence à esfera masculina, e às mulheres cabe apenas tentar fazer com os homens que a cercam ajam da forma que lhes provém, não podendo proferir ordens em boa parte dos casos, assim resta a elas manipulação.

A primeira tentativa de manipulação é exercida por Brünhild que não deseja cumprir as suas obrigações matrimoniais a menos que saiba qual é a razão do casamento de Kriemhild com um vassalo. Como Gunther não revela a verdade, Brünhild usa a força para evitar o contato físico, mas não consegue atingir os seus objetivos devido à interferência de Siegfried.

No decorrer da narrativa, Brünhild incomoda-se com a longa ausência de Siegfried que não lhe presta serviço algum. Ao invés de exigir a presença do vassalo, ela pede ao rei que traga o casal a Worms, mas o faz sem revelar as suas verdadeiras intenções, ela pede inicialmente para ver Kriemhild, e, sem conseguir convencê-lo, fala à sua altivez: Siegfried não poderia recusar ao pedido do rei Gunther. Brünhild mescla comentários nobres sobre Kriemhild e a lembrança da posição de Siegfried, mas apenas de forma a demonstrar que ele não poderia recusar o convite, e não para expressar o seu descontentamento:

A esposa de Gunther questionava-se o tempo todo: “Como a senhora Kriemhild anda com a sua cabeça tão alta? Siegfried é nosso vassalo e há

muito tempo não nos presta serviços.” [...] Ela perguntou ao rei se não seria possível ver Kriemhild novamente. Ela falava-lhe confidencialmente e tinha interesse nisso. O senhor feudal não considerava essa idéia tão boa. [...] Brünhild respondeu com astúcia: “Por mais rico que o homem de um rei seja, ele não deve recusar o que o seu senhor lhe pede.” [...] Ela disse: “Meu querido senhor, ajudai-me a trazer Siegfried e também a tua irmã para as nossas terras, de forma que nós os encontremos aqui. Nada melhor poderia me acontecer. Me faz tão bem pensar na atitude e na educação cortesã de tua irmã. Como nos sentávamos uma ao lado da outra, quando me tornei tua mulher! Ela pode amar o bravo Siegfried com os mais nobres sentimentos” (724; 726; 727, 4 – 728, 1-2; 729 – 730)

As palavras de Brünhild denotam falsidade, ela não aceita a atitude de Kriemhild e deseja que Siegfried lhe preste serviços, mas ao falar com Gunther tece longos elogios à sua irmã, pois acreditando em suas boas intenções, ele não se recusaria a convidá-la. Segundo André Capelão, a hipocrisia é uma característica feminina, “*Todas as mulheres, como também sabemos, são hipócritas nas mínimas palavras: sempre têm no fundo do coração coisa diferente do que trazem nos lábios*” (2000: 295), dessa forma é fácil de compreender porque a mesma estratégia é repetida por Kriemhild ao pedir que Etzel chame a sua família para uma visita, afirmando que quer verificar se os seus parentes realmente lhe são afeiçoados ao invés de mencionar as suas intenções de vingança. Kriemhild apenas faz esse pedido que há tanto tempo estava em seus pensamentos quando já deu a luz a um menino, assim como faz o pedido enquanto está deitada com ele, em uma situação que não apenas enfatiza os sentimentos dele por ela, mas também denota uma certa sensualidade. Etzel estaria, nesse momento, mais receptivo aos pedidos da mulher.

A cama é um dos principais meios femininos de se alcançar o que é desejado (cf. Brandt 1997: 154; Duby 1997: 144-145, 151; Shahar 1990: 78). As mulheres podem atingir os seus objetivos através da recusa ao ato sexual ou dos favores sexuais. Na cama, o homem seria mais vulnerável e as mulheres teriam o costume de tirar proveito disso.

Outro meio por vezes utilizado é a melancolia. A mulher é frágil, e é mais apropriado demonstrar tristeza e incitar dó do que deixar transparecer a ira, a qual não é considerada um elemento feminino. A menção ao próprio sofrimento é feita sempre que elas se consideram injustiçadas e desejam alguma reparação, como faz Brünhild ao pedir que Gunther se vingue de Siegfried: “*Eu lamento muito o dia no qual eu nasci. Se me livrares dessa vergonha, serei eternamente grata.*” (854, 2s.). A mulher não tem a necessidade de se mostrar forte diante dos inimigos, – mesmo ao reencontrar Hagen, Kriemhild fala sobre o seu sofrimento por ter perdido o tesouro dos nibelungos –, muito pelo contrário, a mulher deve enfatizar o seu sofrimento para que homens capazes tomem as atitudes que não cabem a ela. É isso que Kriemhild faz com Rüdiger para demonstrar a importância da participação dele na batalha. A atitude de “banciar a vítima” seria tão recorrente que era também freqüente em sátiras da época: “*In most satires [...] the married woman is frivolous, capricious, deceitful, sanctimonious, pretending to play the unfortunate victim in order to extract what she wants from her husband.*” (Shahar 1990: 77). Os clamores de Kriemhild certamente não eram interpretados como sátira, e o leitor da época sabia que o seu sofrimento era real, mas esse leitor também devia estar preparado para detectar parte dessas demonstrações de profundo sofrimento como uma forma de convencer os homens a fazer o que ela desejava.

## IV. Táticas para o exercício do poder em *A Saga dos Volsungos*

### 4.1 Maternidade e magia

As mães de *A Saga dos Volsungos* costumam ter pleno poder sobre os seus próprios filhos, podendo decidir até mesmo sobre a morte deles, como pode ser observado quando Gudrun toma a decisão de matar os seus filhos para servi-los a Atli, ela trava uma curta conversa com eles antes de cortar as suas gargantas, e eles não resistem à morte, apenas apontam para o fato de que isso lhe traria pouca honra, mas deixam que ela proceda como deseja, pois é sua mãe. A cena na qual Gudrun manda que seus filhos com Jonakr se vinguem da morte cruel que Svanhild sofreu assemelha-se muito a esse diálogo, pois Hamdir sabe que ele e seus irmãos encontrarão a morte nessa empreitada e afirma isso para a sua mãe, mas não ousa se opor aos comandos de sua mãe.

Embora a autoridade materna também esteja representada na figura de Gudrun, a personificação da matriarca encontra-se em Grimhild. Ela não apenas guia a vida de seus filhos, mas também a vida daqueles que os cercam, como Sigurd. A persuasão e a autoridade materna não são as únicas armas de Grimhild que também tem o dom da magia. Desde a sua primeira aparição no texto, ela é descrita como uma mulher versada em feitiçaria. A primeira interferência na vida das personagens ocasionada por Grimhild é a realização do casamento de Gudrun. Para realizar um vantajoso casamento, ela faz com que Sigurd se esqueça de Brynhild através de um encantamento:

Uma noite, quando eles estavam sentados e bebiam, a rainha levantou-se, foi até Sigurd e disse: ‘Tua estadia aqui é uma grande alegria para nós, e desejamos dispor tudo o que há de bom diante de ti. Pega esse chifre e bebe!’ Ele aceitou e bebeu. Ela prosseguiu: ‘Gjuki será teu pai e eu tua mãe, Gunnar e Högni e todos aqueles que fizerem o juramento serão teus irmãos. Nunca haverá alguém igual a ti.’ Sigurd aceitou bem essas palavras, pois após beber ele não se lembrava mais de Brynhild. (XXVIII)

Ao interferir no curso da vida de Sigurd, Gudrun também deixa claro que deseja que ele se torne um membro de sua família. Ao aceitar as propostas que a matriarca lhe faz e ter seu destino influenciado pelas decisões pessoais dela, Sigurd torna-se mais um de seus filhos.

Grimhild também toma decisões sobre o casamento de Gunther, mas como ele é mais maleável e não se opõe aos conselhos da mãe, não há necessidade de empregar outros métodos. Já o segundo casamento de Gudrun demonstra ser o mais difícil de se realizar, pois ela ainda guardava um grande remorso de seus familiares, como se essa mágoa não fosse suficiente, ela sabe que o casamento com Atli guarda um destino trágico. Mas Grimhild não aceita a recusa da filha e utiliza a feitiçaria mais uma vez. Gudrun toma a bebida preparada pela mãe à força, pois ela conhece as habilidades da mãe e sabe o que a poção devia guardar para ela. A recusa de Gudrun ao casamento podia ser prevista, por isso Grimhild impõe a sua presença na viagem: “*Grimhild havia decidido juntar-se a eles na viagem e disse que a missão só seria bem-sucedida se ela não permanecesse em casa.*” (XXXIV) As mulheres não costumam ser retratadas dando ordens, no entanto essa não é uma situação incomum entre mães e filhos.

Após a reconciliação entre Gudrun e seus familiares, a mãe ainda deve usar a sua autoridade para que a filha se case com Atli. Essa cena encontra equivalência com as cenas nas quais Gudrun entrega os seus filhos à morte, a noiva sabe que o casamento

guarda um final trágico, mas não ousa ir contra a vontade da mãe por mais tempo. O casamento de Gudrun e Atli é emblemático da imagem que se faz de Grimhild, pois para realizá-lo ela utiliza as suas mais importantes fontes de poder: a magia e a autoridade materna.

Em *A Saga dos Volsungos*, Grimhild torna-se o bode expiatório, os maus passos dados pelas personagens costumam ser guiados pela feiticeira, é ela que os conduz à tragédia, o que é expresso por Brynhild ao descobrir toda a trama, mas tanto Gudrun quanto Gunnar defendem a sua mãe dessas acusações. Mais do que defender a própria mãe das acusações feitas por Brynhild, Gunnar acusa a própria mulher. Brynhild teria sido, desde o princípio, uma mulher insatisfeita com o casamento – decidido por Grimhild, e não por ela própria –, e a mãe de Gunnar seria uma pessoa superior por estar satisfeita com aquilo que tinha. Mas Gunnar ofende Brynhild principalmente por ser uma valquíria, uma mulher que havia matado homens – e ameaçava voltar a fazê-lo nesse momento – e que “*atormentou os mortos*” (XXXI), menção ao fato de as valquírias serem aquelas que tinham a função de recolher os mortos dos campos de batalha e levá-los para Odin, em Valhalla.

#### 4.2. Violência

Brynhild, a valquíria, é a única que tenta impor a sua vontade através da ameaça de aplicar a violência, embora Gudrun seja caracterizada efetuando atos cruéis, estes são apenas parte de uma vingança e não servem como meio para coagir as pessoas a atuar de uma forma diferente daquela que pretendiam. O casamento impede Brynhild de prosseguir com as batalhas, e ela perde o status de valquíria, no entanto sua agressividade volta a aflorar no momento em que ela descobre que foi enganada e tenta matar Gunnar. Essa ameaça é esquecida por algum tempo, mas ela é de importância definitiva para guiar Gunnar em suas decisões, como demonstra a conversa que ele tem com Högni: “[...] *eu vejo o que por trás desse problema. Brynhild o causou, e o conselho e a exortação que ela nos faz nos levarão à desgraça e a grandes danos.*’ Gunnar respondeu: *‘Nós levaremos isso até o fim.*’ [...] *Ele disse que Sigurd deveria morrer ‘ou eu morrerá.’*” (XXXII). Högni sabe que Brynhild é quem provocou o conflito no qual eles estão e que não deveriam seguir os conselhos da valquíria, mas Gunnar teme pela própria vida, pois sabe que se não tomarem as medidas exigidas pela sua esposa, ele provavelmente encontrará a morte. Dessa forma, a habilidade de Brynhild com armas, assim como a familiaridade que ela tem com a morte passam a ser um importante método persuasivo para convencer Gunnar de que ele deveria proceder da forma que pedia a sua mulher.

#### 4.3 Aquisição de poder através do casamento

O único casamento no qual a obtenção de poder é evidenciada é o casamento entre Gudrun e Atli, Grimhild oferece esse casamento como uma compensação pela morte de marido e do filho de Gudrun, pois esse seria um casamento que traria muita fortuna para Gudrun, mas ela não deseja aceitar a união devido à tragédia que ela sabe que estará ligada a ela.

#### 4.4 “Senna”

Em *A Saga dos Volsungos*, a discussão entre as rainhas é iniciada devido à aparente soberba de Brynhild que posiciona acima de Gudrun no rio Reno para não se banhar nas mesmas águas que ela de forma a não se equiparar a uma mulher “inferior”. Gudrun responde enumerando todos os grandes atos de Sigurd e termina revelando a verdade sobre a noite de núpcias, o que provaria que apenas Sigurd conseguiu cumprir a tarefa imposta por Brynhild e seria, portanto, superior a Gunnar. Ao contrário do que ela afirma em um primeiro momento, Brynhild sabe da grandeza de Sigurd, e por isso havia se enamorado dele, ela age acima de tudo por inveja, o que é confirmado a seguir, quando ela reconhece a superioridade inegável de Sigurd. Brynhild sabe que Sigurd é de longe o melhor rei, e não admite que Gudrun seja a esposa dele. A *Senna* parece ser causada por ciúmes, mas não deixa de ser uma briga por poder. Brynhild é aquela que trocou os votos com Sigurd, o lugar ao lado do guerreiro mais nobre deveria ser dela, mas como as coisas não saíram da forma planejada, ela ataca a mulher de Sigurd verbalmente, tentando comprovar a sua superioridade. Ela apenas assume que inveja o marido de Gudrun, quando a trama da noite de núpcias é desvendada. Brynhild não aceita estar casada com o mais fraco, e a partir de então exige que Sigurd seja morto.

#### 4.5 Bens materiais e o tesouro de Sigurd

A narrativa breve de *A Saga dos Volsungos* quase não faz menção aos bens materiais que eram possuídos pelas mulheres. Apenas Gudrun é retratada ostentando jóias e adornos, e somente em uma cena, aquela que antecede o encontro dela com Brynhild para pedir que interprete seus sonhos:

Gudrun respondeu: ‘Preocupa-me não saber quem ele é, eu deveria encontrar Brynhild. Ela deve saber.’ Elas se enfeitaram com ouro e com muitos belos adornos, e ela viajou com suas mulheres até o salão de Brynhild. Quando foi avistada, foi dito a Brynhild que muitas mulheres estavam chegando ao burgo em carruagens douradas. (XXVI)

A razão para essa ser uma cena única é o fato de ser evidentemente inspirada em romances cortesões, ela é utilizada para ilustrar o fato de Gudrun ser da nobreza. No entanto, a saga é um gênero literário que foca a narrativa na ação; a ostentação do poder, assim como a descrição de detalhes não são de interesse para os ouvintes, dessa forma, a saga não pode comportar mais descrições como esta. Nem mesmo o destino do tesouro de Sigurd é largamente descrito, ele, que é a razão para toda a tragédia que envolve o casamento de Gudrun com Atli, parece ser esquecido, não apresentando uma importância tão elevada como a guerra em si.

#### 4.6 Manipulação sentimental e de relações afetivas

A mulher islandesa não tinha o direito de falar no *alþing*. Assim como um homem “incapaz”, a mulher deve ser representada, não podendo interferir nos negócios “masculinos”, mesmo quando detalhes de sua própria vida tivessem que ser decididos. Por não terem como interferir diretamente, essas mulheres devem utilizar outros métodos para atingir o que desejam, incentivando os homens a agir da forma que lhes apraz (cf. Byock 2001: 196; Jesch 1991: 190). Os movimentos femininos costumam ser

calculados, e, por isso, elas são freqüentemente retratadas de forma negativa nas sagas, especialmente no que se refere à fala: “*Eines Mädchens Worten soll der Mann nicht trauen, noch dem was redet ein Weib; denn auf rollendem Rad sind ihnen die Herzen geschaffen*” [O homem não deve confiar nas palavras de uma garota, nem naquilo que diz uma mulher, pois os seus corações foram feitos sobre um roda que gira.] (Krause 1926: 37). Também se encontram, em diferentes sagas, referências ao provérbio “*Frios são os conselhos de uma mulher*” (Anderson 2002: XI), o qual alerta o homem a não dar ouvidos a conselhos que podem levá-lo a um mau passo. As mulheres de *A Saga dos Volsungos* não diferem das mulheres das sagas familiares e costumam usar a manipulação como o meio de atingir os seus objetivos, e, com freqüência, esses conselhos levam as personagens masculinas a um final trágico.

Logo após a discussão com Gudrun, Brynhild exerce uma forte chantagem emocional, ela reclusa e se apresenta em um estado que faz os criados acreditarem que ela estava doente. O sofrimento de Brynhild é real, mas há um certo exagero na forma como ela reage. Ela se encontra em uma situação que se assemelha à de uma pessoa moribunda, mas em seguida reage ao marido com fúria, tentando matá-lo. Uma vez que não consegue o que desejava, e não pode “lavar a honra” com o sangue do marido, passa a exigir que este tome uma atitude. De mãos atadas, Brynhild entrega-se ao seu sofrimento, mas este é, na verdade, uma ameaça ao rei, pois não apenas ele, mas todos daquele burgo teriam que presenciá-lo, pois “*ela ordenou que as portas de sua câmara fossem abertas para que suas lamentações pudessem ser ouvidas de longe*” (XXXI). Brynhild ameaça viver em profunda tristeza e deixar de exercer qualquer atividade que viesse a lhe dar prazer, ela passa inúmeros dias sem se divertir ou compartilhar das atividades diárias com outras pessoas que ali morassem. Brynhild também ameaça com o divórcio e mais adiante, ao saber que Gunnar irá matar Sigurd, como ela havia pedido, ela ainda ameaça com a recusa ao sexo. Negar-se a deitar com o rei não é apenas uma ameaça para atingir os seus objetivos, a rainha fala repetidas vezes que não deseja ter dois reis no mesmo salão, dessa forma, ela não manterá relações com Gunnar até que Sigurd esteja morto. Embora elementos como o divórcio possam influenciar na escolha masculina, a chantagem emocional e o sexo parecem ser as principais formas de exercer a manipulação do poder.

## V. Análise comparativa

A maternidade – que nessa época era encarada muito mais como uma obrigação conjugal do que um “dom” feminino – concede poder às mulheres de ambas as narrativas. Em *A Canção dos Nibelungos*, onde as mulheres têm poucos filhos, a maternidade de Kriemhild sempre é recompensada com o poder, tanto ao dar a luz ao filho de Siegfried, quanto ao filho de Etzel. Isso não ocorre em *A Saga dos Volsungos*, onde as mulheres ficam grávidas com muito mais facilidade, e não há uma razão para que a chegada de um único filho traga consigo um valor simbólico tão elevado; tome-se, por exemplo, Kriemhild que se casa duas vezes e tem um filho em cada matrimônio, enquanto que Gudrun tem um total de sete filhos em três uniões. O poder que a mulher islandesa adquire ao se tornar mãe é o poder sobre os próprios filhos que costumam agir de acordo com os desígnios desta; esse poder sobre a vida dos filhos está ligado à imagem da matriarca nas sagas islandesas. Grimhild representa a figura da matriarca, pois exerce um poder praticamente absoluto sobre seus filhos, da mesma forma que a sua filha Gudrun virá a dominar seus filhos que passarem da tenra infância. A imagem da maternidade está intrinsecamente ligada à imagem de poder nos padrões das sagas

islandesas, o contrário do que ocorre na Europa central, onde Ute representa a figura genuinamente materna, uma personagem apagada que não esboça desejo ou ações relevantes. Embora o filho de Kriemhild com Siegfried chegue à idade adulta, ele não é representado nessa idade, pois a mãe havia perdido o contato com ele há muitos anos, de forma que a maternidade não é uma característica tão intrínseca de Kriemhild, o que faz com que ela tenha a habilidade para seguir com a sua vingança, ironicamente, nas sagas islandesas, a vingança só pode ser alcançada por uma mulher se for através dos filhos.

Já a violência praticada por mulheres ocorre tanto em *A Canção dos Nibelungos* quanto em *A Saga dos Volsungos*, a diferença está no fato de que Brünhild só é capaz de agir de forma violenta em *A Canção dos Nibelungos* enquanto a sua virgindade está intacta, e, em *A Saga dos Volsungos*, Brynhild não apenas volta a agir de forma agressiva depois de casada, como ela também alcança os seus objetivos dessa forma; embora muitos sejam os meios por ela aplicados, Gunnar deixa claro que teme a própria morte ao justificar ter acatado as ordens de sua mulher. Já a virgem Brünhild não pode atingir os seus objetivos através da violência, pois sempre é derrotada por Siegfried até que deva se posicionar em seu lugar como mulher definitivamente.

O *status* da mulher na sociedade medieval é intimamente relacionado à posição do marido, o que fica claro na *Senna*, mas a relação entre casamento e poder nem sempre é tão explícita. Brünhild e Kriemhild deixam seus bens materiais ao casar-se, devido ao orgulho de seus maridos, o que, na verdade, indica a ascensão da esposa, pois mesmo tendo de deixar parte do que já tinham para trás, elas estão se unindo a um homem muito mais poderoso. As uniões entre Kriemhild e Etzel, e, Gudrun e Atli são as que mais evidenciam a aquisição de poder por parte da noiva. No entanto os casamentos se desenvolvem de maneiras distintas, enquanto Kriemhild perde o tesouro pouco antes do casamento e passa a gozar de mais servos e bens do que quando era casada com Siegfried, Gudrun é obrigada a se unir a um homem que tem uma ganância superior aos seus bens e que mata os seus irmãos por desejar obter o tesouro que seria de Grimhild por direito.

O teor da discussão da *Senna* é o mesmo, mas ela é iniciada por diferentes razões, enquanto em *A Canção dos Nibelungos*, Kriemhild faz um elogio inocente ao seu marido, o qual acaba por ofender Brünhild, em *A Saga dos Volsungos*, é Brynhild quem inicia a discussão devido ao seu desejo em se mostrar superior a Gudrun. A disputa por poder é evidente em ambos os casos, a diferença é que, em *A Saga dos Volsungos*, Brynhild inicia a discussão por não aceitar que Sigurd não fosse seu e desconfiar da verdade que escondia por trás disso, enquanto que em *A Canção dos Nibelungos*, Brünhild apenas reage a um comentário inaceitável em sua posição. Kriemhild e Brünhild discutem por poder, mas, em *A Saga dos Volsungos*, as motivações da *Senna* são um misto de amor e poder, que não deixam de ser intrínsecos um ao outro, pois esse amor se deve ao fato de ele ser o mais valioso e poderoso dos homens.

A manipulação de personagens masculinos ocorre em ambas as sagas, mas os meios empregados podem diferir entre si. Um meio presente em ambas e que também é caro daqueles que escreviam sobre as mulheres na época é a sexualidade. A recusa ao sexo é aplicada por Brünhild, mas sem sucesso, já em *A Saga dos Volsungos*, Brynhild também se nega a deitar com o seu marido, mas essa não é a única ameaça feita por ela, é apenas uma entre tantas, e, mais do que um meio de manipular o marido, esta é uma simbologia através da qual Brynhild indica que só voltaria a ser a esposa “plena” de Gunnar quando não fosse mais “mulher de dois reis”. Assim como em *A Canção dos Nibelungos*, ela utiliza a violência e a “greve” de sexo para convencer o marido, mas

dentro do gênero da saga, onde as mulheres são descritas como altamente manipuladoras, não há quem consiga fazê-la parar. A sensualidade também é um importante meio, agradando o marido com carícias ou na cama, Kriemhild apenas propõe que Etzel traga os burgúndios ao seu reinado quando está com ele na cama. É como se esse fosse o melhor momento, pois o marido estaria mais propenso a aceitar as sugestões de sua esposa.

Ao pedir que Gunther acabe com a desonra que ela sofreu, Brünhild apenas demonstra tristeza. A representação de tristeza e sofrimento também é realizada por Kriemhild e, especialmente, por Brynhild. Mesmo Brynhild, que ainda teria forças suficientes para combater um homem, encontra-se de mãos atadas, e age como outras mulheres fariam, ao invés de continuar lutando contra o seu marido, ela passa a agir como uma criatura indefesa e destaca o seu próprio sofrimento. Se os homens não temem a mulher, ela faz com que temam por ela. Gunnar, Gunther ou os hunos devem agir de forma a abrandar a dor dessas mulheres que não possuem muitos meios para lutar por si sós. Se são os homens que devem tomar a atitude por elas, nada melhor do que chamar a atenção destes para si de forma a garantir que ajam logo e de forma satisfatória.

Um meio utilizado apenas em *A Canção dos Nibelungos* é a mentira, tanto Brünhild quanto Kriemhild falam com os seus maridos de forma a fazê-los crer que elas nutrem um carinho especial pelas pessoas que elas desejam trazer para as suas terras. Elas falam de saudades e mencionam sentimentos nobres, mas guardam muita amargura por trás daquelas palavras. No entanto pode-se afirmar que as mulheres, tanto em *A Canção dos Nibelungos* quanto em *A Saga dos Volsungos*, pecam pela boca, pois mesmo quando não mentem, pecam por revelar segredos valiosos.

A complexidade do estilo narrativo desenvolvido em *A Canção dos Nibelungos* faz com que as mulheres tenham uma gama maior de formas de exercer o poder, bens materiais, ricas vestes, servos ou mentiras, da mesma forma que perdem bens por razões pequenas como o orgulho de seus maridos. As mulheres desta saga não apenas não são descritas em relação aos seus bens materiais, como Gudrun ainda demonstra um certo desprendimento destes. Elas também não são descritas dando ordens a servos, assim como os homens raramente são descritos dessa forma. O estilo narrativo dispensa a introdução de servos no desenrolar da história, pois isso poderia afastar a atenção da trama original. A ausência de servos que sirvam às mulheres não indica que elas exerçam menos poder; tome-se por exemplo Grimhild e Gudrun: quem deve seguir as ordens delas são os filhos, o que exige o narrador de ter que introduzir mais personagens à saga. A gama de possibilidades descrita em *A Canção dos Nibelungos* não indica que elas tenham mais poder, mas uma limitação da ação dessas personagens, justamente por não possuírem todos esses meios, as mulheres de *A Saga dos Volsungos* têm maior poder de ação, de forma a eliminar muitas etapas da narrativa.

## FONTES PRIMÁRIAS

*Das Nibelungenlied – Mittelhochdeutsch Neuhochdeutsch.* Trad.: Siegfried Grosse. Stuttgart: Reclam, 1997.

*The Saga of the Volsungs.* Trad.: Jesse L. Byock. Los Angeles: University of California Press, 1990.

*Völsunga Saga.* Uwe Ebel (ed.). Frankfurt am Main: Wissenschaftlicher Buchverlag, 1997.

*Grágás – Laws of early Iceland*. 3 vol. Trad.: Andrew Dennis, Peter Foote, Richard Perkins. Winnipeg: University of Manitoba Press, I, 1980; II, 2000 [III, não publicado].

## OBRAS DE REFERÊNCIA

- ANDERSON, Sarah M.; SWENSON, Karen. *Cold Counsel – Women in Old Norse Literature*. New York: Routledge, 2002.
- ANDERSSON, Theodore M. *The Legend of Brynhild*. Ithaca and London: Cornell University, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A Preface to the Nibelungenlied*. California: Stanford University Press, 1987.
- BUMKE, Joachim. *Höfische Kultur – Literatur und Gesellschaft in hohen Mittelalter*. 10. Aufl. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2002.
- BYOCK, Jesse L. Byock. *Viking Age Iceland*. Londres: Penguin Books, 2001.
- CAPELÃO, André. *Tratado do Amor Cortês*. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DUBY, Georges. *Damas do Século XII – A Lembrança dos Ancestrais*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *História das Mulheres – A Idade Média*. Trad.: Maria Helena da Cruz Coelho et alli. Porto: Afrontamento, 1993.
- DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (ed.). *História da Vida Privada – Da Europa feudal à Renascença*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GEPHART, Irmgard. *Der Zorn der Nibelungen*. Köln: Böhlau Verlag, 2005.
- HAYMES, Eduard. *Das Nibelungenlied*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1999.
- HELLER, Rolf. *Die literarische Darstellung der Frau in den Isländersagas*. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1958.
- JÖNSSON, Maren. ‘Ob ich ein Ritter wäre’. *Genderentwürfe und genderrelatierte Erzählstrategien im Nibelungenlied*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 2001.
- JESCH, Judith. *Women in the Viking Age*. Woodbridge: The Boydell Press, 1991.
- JOCHENS, Jenny. *Women in Old Norse Society*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1998.
- KETSCH, Peter. *Frauen im Mittelalter: Quellen und Materialen. – Band 2: Frauenbild und Frauenrechte in Kirche und Gesellschaft*. Düsseldorf: Schwann- Bagel, 1984.
- KRAUSE, Wolfgang. *Die Frau in der Sprache der altisländischen Familiengeschichten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht: 1926.
- KUHN, Hans. *Das alte Island*. Düsseldorf, Köln: Eugen Diederichs Verlag, 1971.
- MÜLLER, Jan-Dirk. *Spielregeln für den Untergang die Welt des Nibelungenliedes*. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Das Nibelungenlied*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2002.
- SHAHAR, Shulamith. *The Fourth Estate*. London, New York: Routledge, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Kindheit im Mittelalter*. Trad.: Barbara Brumm. München, Zürich: Artemis und Winkler, 1991.
- TUCZAY, Christa. “femina armata – armis feminae. – Zum Amazonenmythos im Lichte der mittelhochdeutschen Literatur”. In: *Ir sult sprechen willekomen – Festschrift für Helmut Birkhan zum 60. Geburtstag*. Bern: Peter lang AG, 1998.
- WYNN, Marianne. “Hagen’s Defiance of Kriemhilt”. *Medieval German Studies*. London: University of London, 1965. p.104 - 114.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> As traduções apresentadas nessa análise foram feitas pela própria autora.

<sup>2</sup> A cena na qual as rainhas brigam e tentam comprovar quem é o rei mais poderoso é conhecida por muitos dos estudiosos como *Senna*. A palavra vem do nórdico antigo e quer dizer discussão, disputa ou “bate-boca”. A mesma expressão será utilizada nesse trabalho para referir-se a essa passagem.